

para outro homem.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 - ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- 2 - ARISTÓTELES, HORÁCIO e LONGINO. *A Poética Clássica*. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1981.
- 3 - BAYET, J. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, 1964.
- 4 - BRANDÃO, J. de S. *Teatro Grego: Origem e Evolução*. Rio de Janeiro: TAB, 1980.
- 5 - \_\_\_\_\_. *Teatro Grego: Tragédia e Comédia*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- 6 - BRUNA, Jaime. *Plauto, Comédias*. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1988.
- 7 - ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine – Histoire des Mots*. Paris: Klincksieck, 1985.
- 8 - GAFFIOT, F. *Dictionnaire Illustré Latim Français*. Paris: Hachette, 1934.
- 9 - HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: Grega e Latina*. Trad. de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- 10 - HUBBERT, Jules. *Histoire Illustrée de la Littérature Latine: Précis Méthodique*. Paris: Didier, 1932.
- 11 - HUBBERT, Jules & BERGUIN, Henri. *Histoire Illustrée de la Littérature Grecque: Précis Méthodique*. Paris: Didier, 1947.
- 12 - NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.
- 13 - PARATORE, E. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- 14 - PLAUTE. *Théâtre*. Traduction nouvelle de Henri Clouart Paris: Garnier, s/d. Tome II
- 15 - TEXTOS CLÁSSICOS. *O Gorgulho, Plauto*. Introdução, versão do latim e notas de Walter Medeiros. Coimbra: 1986.

#### O racional em Medéia

Por Dulcileide Virginio do Nascimento

#### Resumo:

Este trabalho apresenta uma releitura da personagem Medéia a partir da peça de Eurípides que tem como título o seu nome, salientando que nesta peça a racionalidade da personagem é superior ao simples instinto de vingança.

Palavras-chave: Medéia; desejo; razão.

As peças de Eurípides apresentam situações cujo caráter emocional envolvem e abalam de alguma maneira o público / leitor de qualquer época. O autor que parecia conhecer profundamente a natureza humana, recria em suas peças personagens envolvidas em grandes paixões, com profundas angústias e sentimentos contraditórios. Desse grande conhecedor da alma humana, escolhemos a peça que lhe conferiu o prêmio de terceiro lugar em 431 a.C.: *Medéia*.

A bárbara Medéia ficou conhecida pela seu furor; mulher violenta que matou todos àqueles que de uma maneira ou de outra interferiram em seus planos e, também ficou conhecida como aquela que matou os seus próprios filhos. Mas teria sido esta mulher um ser levado inteiramente pelas suas paixões? Não teriam as ações de Medéia razões pertinentes? Todos concordamos que Medéia é culpada dos crimes que cometeu, que ela foi demasiadamente cruel, mas a maioria dos leitores e críticos literários vêem a personagem como um ser irracional que se deixou levar pelo seu *thymós*; a nossa proposta é fazer exatamente o contrário, ou seja, fazer uma releitura do texto de *Medéia* salientando que ela se tornou mais do que uma *hekousa*, mais do que alguém que cometeu os seus crimes de bom grado, porque tramou todos os detalhes da sua vingança, sendo racional, se não o tempo inteiro, a maior parte do tempo. Seus atos, então incorreram em proairesis. Utilizaremos, como fundamentação teórica, o texto de Jean Pierre Vernant e, para exemplificação, a tradução de Jaa Torrano do texto de *Medéia*.

Para que possamos tecer os comentários com maior precisão, apontaremos, a seguir, alguns traços das várias narrativas relacionadas ao mito que envolve a personagem Medéia:

Medéia era uma princesa da Cólquida, famosa pela prudência, pela arte de curar e pelos poderes mágicos que possuía. Apaixonara-se, graças à intervenção dos deuses por Jasão, líder dos argonautas, que tinha ido à Cólquida para conquistar o velocino de ouro. Medéia opôs-se ao seu pai, para ajudar Jasão, salvando a vida do herói, e depois fugiu com ele em seu navio, deixando pelo caminho os membros do seu irmão Absynto, que ela mesma matara, para retardar seu pai que os perseguia. Ao chegar a Iolco, na Tessália, Medéia engana as filhas de Pélias, soberano do lugar, que ao conhecerem a fama de Medéia de rejuvenescer e vendo-a fazer isto com um bode pediram que ela fizesse o mesmo com seu velho pai, ao invés disso Medéia fez com que as própria filhas, sem saber, matassem o pai. Depois disso, os argonautas, comandados por Jasão, teriam tomado a cidade, mas por causa do ato de Medéia, Jasão entregou o trono de Iolco a Acastos, filho de Pélias que participou da viagem juntamente com os argonautas, e partiram para Corinto. Após anos de união, Jasão abandona Medéia para se casar com a filha de Creonte, rei de Corinto. Cheia de ira e de vingança, Medéia matou a noiva de Jasão, o rei e, para castigar o marido, os filhos que tivera da união com ele.

É assim que o dramaturgo Eurípides relata o mito de Medéia e é assim que o conhecemos até hoje. Porém, o mito tem origens remotas e contraditórias, quanto à maneira de ser de Medéia, sua origem, seus atos e seu destino.

Em todas as tradições, principalmente a da Cólquida, Medéia é mencionada sendo filha de Aetes, filho do deus Hélio, quanto à sua mãe, os autores oscilam entre Ídia, “aquela que sabe” e Asteróidea, “a do caminho das estrelas”.

Dos Pelades, chega-nos as imagens, encontradas também pintadas em alguns vasos, de Medéia, ao lado de um caldeirão de sacrifícios, de dentro do qual salta um carneiro ou um jovem. Dizia-se que, através do sacrifício, em seu caldeirão, ela podia obter o renascimento ou rejuvenescimento. O mito conta ainda que, com a ajuda do seu caldeirão, rejuveneceu Eso, o pai de Jasão, e ajudou-o a conquistar a cidade de Iolco, como já falamos, ao levar as filhas de Pélias a matá-lo.

Já para a tradição coríntia, Medéia, neta do Sol, depois da morte do último “coríntio”, tornou-se herdeira do trono, reinando em Corinto ao lado de Jasão, seu escolhido. Diz-se que os coríntios, desgostosos com a soberana, assassinaram seus quatorze filhos, ato expiado pelo fato de leva-

rem todos os anos quatorze crianças para servirem no santuário de Hera Acréia, fundado e dirigido por Medéia.

Em outras narrativas, conta-se que os filhos de Medéia, neste caso somente dois, teriam sido apedrejados pelos coríntios em decorrência da morte de Glauca, que ocorreu por causa do presente oferecido por Medéia. Após esses acontecimentos, Medéia abandona Corinto em seu carro de serpentes, começando uma longa viagem de exílio; teria passado por Tebas para ver Hércules; viveu em Atenas com Egeu, de quem dizem ter tido um filho de nome Medos; conta-se também que esteve na Tessália, na Itália e na Ásia Menor, antes de retornar a Cólquida.

Além das lendas tradicionais sobre Medéia e da peça que leva o seu nome, sabemos que Eurípides apresentou uma tragédia de nome as *Peliades*, em 455 a.C., que narra a morte de Pélias, assassinado pelas mãos de suas filhas, instrumentos do ardil de Medéia; também encontramos relatos sobre Medéia no texto de Apolônio de Rhodes denominado *Os Argonautas*, epopéia composta de quatro livros, cujo teor já mencionamos acima, quando resumimos o mito que se tornou mais conhecido sobre Medéia, e que, a partir do terceiro livro narra como Medéia foi subjugada pelo fascínio da paixão:

Um estupor apodera-se do seu ânimo. (v.284)

...uma flecha, semelhante a chama,  
arde no fundo do coração da jovem.

Ela, sucessivamente, lança sobre Jasão.  
na face, resplandecentes olhares; do peito  
a lúcida razão é arrebatada pela dor, nem  
alguma outra recordação possui, pois seu  
ânimo é inundado por uma doce dor<sup>1</sup>. ( vv.286-290 )

E, também, na Quarta ode Pítica de Píndaro, cujo teor é a lenda dos argonautas e a origem da paixão incondicional de Medéia :

... a deusa das mais aceradas flechas,  
Cípride, trouxe do Olimpo para os homens  
o pássaro simbólico de asas matizadas  
que faz enlouquecer de amor,  
e, prendendo-o aos quatro raios da roda,  
ensinou a Jasão um canto mágico

que de amor transportará Medéia,  
e porá fim ao respeito filial.  
E à saudade da Grécia  
logo ao herói que adora, Medéia anuncia  
o plano falacioso de Aetes, contra ele,  
e, misturando aos vegetais que sua arte fez nascer  
um óleo dourado, o tesouro precioso  
livra Jasão das dores com o poderoso antídoto.

.....  
E os corações sensíveis juraram se unir, felizes.<sup>2</sup>

Na peça de Eurípides que leva o seu nome, a personagem Medéia inicialmente é construída de modo a perder toda caracterização divina/mágica para se tornar simplesmente humana e igual à todas as outras mulheres. Podemos dizer ainda que ao deixar de lado os costumes bárbaros, absorveu por completo, naquele momento, os costumes da terra do seu marido, tendo inclusive que esquecer a liberdade que possuía como princesa na Cólquida, E, no seu primeiro discurso, ao se dirigir às mulheres Coríntias, esquece a sua nacionalidade e fala da situação social da mulher grega, não só para buscar a solidariedade dessas mulheres, mas também porque é a situação em que está inserida:

Ao chegar às suas novas casas e costumes  
é preciso ser um adivinho, quando não se foi instruída, em casa,  
em como melhor servir ao seu companheiro.  
E quando nós cumprimos bem essas coisas  
e o marido convive, impondo o jugo, sem violência,  
a vida é invejável, se não morrer é melhor.\*<sup>3</sup> ( vv.238 –243)

Nesse momento inicial, vemos uma Medéia lamentando sua sorte e indecisa, mas a partir do seu encontro com o rei de Atenas, Egeu, e a certeza que conseguiu o amparo que precisava para sua saída de Corinto, a personagem se transforma, reencontra o seu antigo ânimo, e só então, neste momento, decide matar os filhos, tendo a certeza que eles são os maiores bens para um homem, pois são sinônimos da sua continuidade, e

assim conclui a trama da sua vingança:

...Por Deus, ele nos pagará!  
Por mim, nunca ele verá os filhos  
vivos, nem da recém-casada  
noiva gerará filho, porque de modo vil  
devem morrer comas minhas drogas. ( vv.802-806)

Medéia, então, começa a se desprender das amarras da sociedade grega e resgata a autonomia de sua vida; revestida do que os gregos do V a.C. mais apreciavam, o dom a eloquência, ela consegue convencer com seus argumentos aqueles que detinham algum tipo de poder sobre ela: convenceu o rei Creonte a lhe dar mais um dia de estadia em Corinto, tempo suficiente para concluir sua vingança; convenceu Egeu a lhe dar asilo e, finalmente, convenceu Jasão de que aceitava as suas novas núpcias e o fez levar os filhos para que entregassem o presente funesto à sua noiva. Soberana de si mesma, só vacila quando pensa em matar os filhos, entretanto, mais uma vez os sentimentos dão lugar à razão, pois sabia que depois de seus feitos, certamente seus filhos seriam mortos, que fossem então por ela:

Nunca será de modo que eu permita  
aos inimigos ultrajar os meus filhos.  
É de todo necessário que morram; assim,  
nós os massacraremos, que os criamos.( vv. 1060 – 1063)

Amigas, decidiu-se a ação o mais rápido:  
que eu mate os filhos e parta do país  
para que com demora não dê os filhos  
para outra mão inimiga massacrá-los.  
É de todo necessário que morram; assim,  
nós os massacraremos, que os criamos. ( vv. 1236-1241)

Neste ponto, “nós já encontramos, em Medéia, uma esfera – limite do agir humano que se mantém unicamente em uma relação de exceção. Esta esfera é a da decisão soberana, que suspende a lei no estado de exceção e assim implica a vida nua (AGAMBEM, Giorgio, 2002, p.90)”. Medéia, segundo o conceito

de Agambem, é soberana porque detém o controle sobre a vida e a morte daqueles que a cercam e, mesmo sabendo que cometeria um crime hediondo ao matar mais que um parente, pois iria matar àqueles a quem deu a vida, ela cometeu o crime porque a vingança era o seu objetivo maior.

Albin Lesky (1990, p.171) diz que a versão de Eurípides opõe-se à tradição relacionada a morte dos filhos de Medéia, e que essa versão, possivelmente, tenha sido influenciada pelo mito de Procne e Tíreo<sup>4</sup>. Essa é a maior inovação da peça de Eurípides e, o ponto mais polêmico, pois nele encontramos um conflito entre o raciocínio e o instinto. Mas até que ponto podemos distinguir claramente o que é instintivo do que é racional?

Para Lúcia Santaella (2002, p.144), as emoções naturais e o instinto estão associados pois “incluem nossos medos, raivas e revoltas naturais, assim como a alegria no contato corporal cálido e lamento diante da perda. Essas emoções constituem o domínio biológico desse campo de estudo. Elas, as emoções, são naturais ou instintivas porque encontram seus objetos sem necessitar de aprendizado ou condicionamento”.

Assim, a idéia de que a racionalidade de Medéia foi afetada pelo turbilhão de emoções que a atingiam é enfocada por Lúcia Santaella no capítulo *Medéia: a raiva como vingança mortal* (2002, pp.170 – 177) e também compartilhada por Kitto (1990, p.25) quando ele afirma que tanto Medéia quanto os que a rodeiam são vítimas **do temperamento desastroso** da própria Medéia e, como se esse fato não bastasse, apresenta a tragédia de Eurípides como uma tragédia onde “as paixões e **a ausência de razão** às quais a humanidade está sujeita são o seu maior flagelo (1990, p.26)”.

Falar de temperamento desastroso e ausência de razão em Medéia parece um esforço muito grande para diminuir a personagem que, ao nosso ver, Eurípides fez questão de sublimar quando em seus versos a chamou de sábia:

Todos os gregos te consideram uma sábia  
e tens fama... \* (vv. 540 – 541)

E, mesmo que tenhamos a falsa impressão de que a essência de Medéia tenha se extinguido, o autor nos mostra que isso não é verdadeiro:

Ninguém me considere fraca e sem força,  
nem sossegada, mas do outro modo

grave para inimigos e para amigos benévola  
a mais gloriosa vida é de quem é assim. (vv. 807 – 810)

Entendemos que em *Medéia*, a protagonista nutre um grande rancor(v.590), causado pelos atos de Jasão e, que a vingança foi a única arma acessível a uma mulher apaixonada que teve todos os seus sonhos desfeitos pela traição do marido:

Silêncio! Pois de resto, uma mulher cheia de medo  
é covarde para participar de uma luta ou de uma lança.  
mas, quando acontece ser ofendida na cama,  
não há outra alma mais sanguinária. (vv.263-266)

Essa alma bárbara<sup>5</sup>, sanguinária, que desconhece a justiça e as leis, agindo somente pela força (vv.536 – 538) serve de respaldo, juntamente com os versos 1079 – 1980, para alguns críticos reforçarem as ações de Medéia como resultantes da sua irracionalidade:

O furor é superior à minha decisão,  
ele causa os maiores males aos mortais.

Esse furor, segundo Santaella (2002, p.152), pode perfeitamente ser inserido na reconstrução que Savam fez do fragmento da teoria peirceana da emoção/raiva:

“Peirce considerou que uma emoção começa com uma situação de confusão e desordem inesperadas. Ficamos perturbados com as causas de alguma situação nova, e alertas ao fato de que nosso controle normal sobre os fatos se rompeu. O futuro de repente se torna incerto. Nossa segurança usual perdeu seu suporte. Somos colhidos em correntes cruzadas de propósitos e sentimentos conflitantes. Nessa situação caótica, o interpretante imediato introduz a emoção como uma hipótese simplificadora”

A definição de Peirce parece revelar a alma de Medéia, e essa emoção/ raiva se tornou tão evidente na personagem que, para Santaella, se tornou seu predicativo. Certamente, sabemos que qualquer julgamento pressupõe regras culturais ou morais, mas não estamos aqui para julgar Medéia se nem o próprio autor da tragédia, Eurípides, o fez, pois quando

terminou a sua peça, fazendo com que Medéia fosse levada pelo carro do Sol, resgatou, com esse gesto, a divindade da personagem e com isso a desvincula do plano humano, inclusive do julgamento humano. Mas não é essa a nossa questão, voltemos a ela.

Vernant (1977, p.40), afirma que quando se age por impulso, *thymós*, sem refletir, pode-se até agir de bom grado, ser um *hekón*, mas esse ato não pode ser denominado *proáresis*, que é “a ação sob a forma de decisão”. No entanto, além dos versos citados acima, o uso do substantivo *thymós* no texto de Eurípides parece estar muito mais relacionado aos sentimentos que impulsionam a ação do que a algo que interfira na ação propriamente dita. Destacamos alguns versos que reforçam essa teoria:

a) quando a ama fala do infortúnio de Medéia:

...Assim minha senhora Medéia  
nunca navegaria para as torres da terra iólcia,  
aturdida no ânimo (thymón) por amor a Jasão. ( vv. 6-8)

b) quando Medéia fala a Creonte sobre os sentimentos que nutre pelo marido:

Tu em algo me lesaste? Deste a filha  
a quem teu ânimo ( thymós) te levou, mas meu marido  
odeio-o ... ( vv. 309-311)

c) quando o coro fala sobre os prós e os contras do amor:

Não me lance a ambíguos ardores  
a incansáveis rixas,  
aturdido o ânimo ( thymón) por outras núpcias (vv. 636-638)

Nesses versos, mesmo que o léxico grego tenha o vocábulo *kardia*, podemos associar o uso do substantivo *thymós* a palavra coração, um dos seus possíveis sentidos, uma vez que esse órgão, considerado o centro das emoções, é identificado como a parte emocional do indivíduo e que, normalmente se opõe a parte intelectual. Todavia, essa contraposição entre emoção/ razão ( *tyumós/bouleumaton*) que é atestada nos versos 1079-1080 para Christopher Gill ( 1998, pp. 223-224 ) está associada ao conflito interior; a Medéia- mãe luta com a Medéia –mulher, mas o desejo de manter os filhos vivos, perto dela, se torna um pequeno detalhe diante de uma vida inteira dedicada a um homem vil. Seu desejo maior era a vingança e, mesmo

que para todos os outros parecesse irracional matar os próprios filhos, para ela, a vingança, só seria completa com o extermínio total da possibilidade de vida para Jasão que , neste caso, os filhos lhe proporcionavam.

As outras aparições do vocábulo *thymós* e do verbo *thymó-o* foram traduzidas por Torrano (1991) com o sentido de furor, ter furor, grande exaltação do ânimo, que só qualificam o temperamento de Medéia, como, por exemplo, nos versos 882 e 883, quando a mesma tenta convencer Jasão de que mudou, passando a aceitar sua ajuda e novas núpcias:

Refletindo assim, percebi a imprudência  
grande minha e o meu inútil furor.

A Medéia de Apolônio de Rhodes tem seu raciocínio inundado por um estupor (v.284), a paixão lhe provoca uma espécie de paralisia e Medéia só tem olhos para Jasão. A Medéia de Eurípides mostra através de sua fala, do verso 1019 ao 1080, a cena capital do drama, a luta interior entre o furor da mulher traída e a ternura do amor materno. Medéia ora chama os filhos, ora os repele, mas os apelos da ternura são frágeis e cedem diante do indomável desejo de vingança. Todos esses sentimentos contraditórios fazem com que Medéia mude da sua opinião quatro vezes:

a) Medéia inicia o monólogo falando da sua dor, enquanto mãe, ao ser afastada dos filhos

e que não poderá usufruir dos prazeres maternos, nem neste momento, nem na sua velhice; por isso, decide levar os filhos, vivos, para o exílio com ela:

Que fazer? A coragem some, ó mulheres,  
quando vi o olhar límpido das crianças.  
Eu não poderia. Digo adeus às decisões  
anteriores, levarei meus filhos desta terra. ( vv.1041 – 1044 )

b) Contudo, Medéia não quer parecer fraca para os seus inimigos, sabe que terá que levar o seu intento até o fim:

Contudo que soffro? Quero causar riso  
deixando impunes os meus inimigos?  
Há de ousar isto. Mas que vileza minha  
de ainda ter meigas palavras no espírito!  
Ide, crianças, para o palácio. A quem

é lícito presenciar meus sacrifícios,  
esse que se cuide! Não recuarei a mão. ( vv. 1049 – 1055 )

c) A luta interior se intensifica e Medéia hesita:  
Nunca ó ânimo, tu nunca farás isto!  
Deixa-os, ó mísera, poupa os filhos!  
Lá, vivos entre nós, eles te alegrarão. (vv. 1056 – 1058 )

d) Mas, conhecedora da gravidade dos seus atos e da repercussão  
que teriam na vida de seus filhos, imediatamente reage:  
Ó Numes íferos sem latência junto a Hades,  
nunca será de modo que eu permita  
aos inimigos ultrajar os meus filhos!  
É de todo necessário que morram; assim,  
nós os massacraremos, que os criamos.  
É de todo um fato, e não há escapatória. (vv. 1059 - 1064)

A nossa angústia, enquanto espectador/leitor, cresce junto com as  
emoções contraditórias de Medéia, ansiamos por uma decisão que salve  
os seus filhos, mas o instinto materno e os desejos considerados racionais  
são subjugados pelo thymós, e um pouco da soberana Medéia morre junto  
com os filhos:

Sim, compreendo quais males farei.  
O furor é superior à minha decisão,  
ele causa os maiores males aos mortais. ( vv.1078 – 1080)

Depois, pranteia! Ainda que os mates,  
foram queridos e eu mulher de má sorte. ( vv.1249 –1250)

Concluiremos essa parte do trabalho com um trecho de Lúcia  
Santaella ( 2002: 176) que exprime muito bem o sentimento que os atos de  
Medéia e daquelas que a imitam provocam normalmente nas pessoas:

A emoção instintiva, natural de raiva de Medéia é selvagem e  
fora do controle. A ela faltam as emoções morais, aquelas  
adquiridas através da experiência social da vida moral e que  
oderiam ter transfigurado sua raiva em indignação. Seu ato  
universalmente fere e afronta os sentimentos humanos.

Mas, embora pareça seu crime desumano, Erich Fromm define a  
vingança como uma reação espontânea a sofrimentos intensos e injustos  
afligidos a uma pessoa, e que através dela se compensa toda perda, se  
recupera a força e o poder, se reconquista o sentimento de ser capaz de  
atuar por si próprio e não ser um brinquedo. E tudo isto Medéia consegue  
com a sua vingança, mas para alcançar o seu objetivo, la age, quase que  
matematicamente, refletindo e buscando a melhor forma de agir.

Através da análise apresentada no texto de Vernant, podemos ver  
que Medéia não é uma simples assassina, até mesmo quando parecia agir  
pela emoção pura ela diz compreender o mal que vai praticar( v.1078).  
Seus atos são considerados uma forma de proaísis porque se apoiam  
“sobre um desejo, mas um desejo racional, uma aspiração ( boulesis)  
penetrada de inteligência e orientada, não para o prazer, mas para um  
objeto prático que o pensamento já apresentou à alma como um bem (1977,  
p.40)”. Embora a personagem Medéia tenha ficado conhecida pelo seu  
thymós, o radical de boulesis, βουλ-, é mais freqüente na obra de Eurípides  
que o termo anterior, mostrando uma continuidade de ações que  
proporcionariam o seu objetivo final. Para comprovar essa teoria,  
utilizaremos cinco momentos do texto de Eurípides onde Medéia surpreende  
pela sua estratégia racional de ação:

a)Medéia, ao se dirigir às tebanas (vv. 214-266), parte de opiniões  
verdadeiras e geralmente aceitas sobre a condição feminina,  
para convencê-las de que seus sofrimentos são oriundos dessa  
condição e com isso fazer com que essas mulheres se  
solidarizem com ela, se não puderem apoiá-la, que pelo menos  
não a critiquem:

Eu desejarei, pois, obter ( τυγχάνειν βουλήσομαι) tal coisa de ti,  
que para mim seja inventada alguma via ou meio de meu marido  
ser punido por esses males, (e não só o que lhe  
deu a filha, mas também quem se casou com ele) Silêncio!...\*  
(vv.259 –263 )

b)quando Creonte vem relatar a Medéia a sua decisão de expulsá-  
la (vv. 271 – 409), pois teme o que ela possa fazer contra sua  
filha, contra Jasão e contra ele próprio, apresenta-se a ele  
uma mulher diferente da até então apresentada na peça – uma  
mulher astuciosa, cheia de artimanhas, de uma docilidade

estranha e uma impressionante calma que assusta mais ainda o rei de Corinto. Medéia diz que sua reputação é maior que sua habilidade, diz não invejar a situação de Creonte nem a decisão de casar a filha, neste contexto só odeia o marido. Creonte resiste aos argumentos de Medéia e só cede quando ela roga pelos filhos, que ele também os tem, e lhe concede um dia de estadia em Corinto, tempo suficiente para Medéia concretizar sua vingança, e assim, prevendo sua vitória diz:

Ele atingiu tal ponto de loucura que,  
ao ser-lhe possível destruir meus planos ( βουλευματα)  
com exílio, deixou-me permanecer  
por hoje, quando três de meus inimigos  
matarei: o pai, a moça e meu marido. (vv. 371 –375)

Eia, seja! Nada poupa de tua ciência,  
Medéia, a tramar e a maquinar. (vv.401 –402)

- c) Medéia tem dois confrontos com Jasão, neste primeiro( vv. 446 – 626) ela extravasa sua revolta num desabafo violento; acusa-o de ingrato, pois ela lhe salvara a vida e chama-o de “o pior perverso”. Ele, por outro lado, refuta as suas acusações, não foi ele o responsável pelas ações de Medéia e sim Afrodite, ele ainda lhe fez um favor ao trazer-lhe para a Grécia, pois possibilitou a ela “conhecer a justiça e o uso das leis e ainda obter maior fama ( vv.537 – 540). Jasão justifica que suas novas núpcias são para ajudar aos filhos e não em proveito próprio, um discurso que não muda em nada a idéia de que ele não passa de um oportunista, oferece favores a Medéia e finaliza maldizendo o gênero feminino. Medéia recusa qualquer presente de um homem vil, pois eles não têm utilidade.

O discurso de Jasão só reforça a escolha de Medéia, ainda mais quando ele diz que a união com ela já não lhe interessava mais, mas que ele lhe era grato pois “da maneira que me foste útil, não está mal ( v. 533 ). Esse tipo de discurso intensifica ainda mais o desejo e a imediata ação de Medéia. Para Vernant (1977, p.46) bouleuo e seus derivados, “marcam a premeditação ou, para traduzir exatamente o termo aristotélico, proairesis, a premeditação; A noção de intencional oscila assim entre a tendência espontânea do desejo e o cálculo premeditado da inteligência”.

d) A angústia de Medéia cresce, sua trama vai gradativamente tomando vulto, mas só atingirá a ápice da perfeição após a visita de Egeu, que chega imediatamente após a angustiante batalha de palavras que teve com Jasão. Medéia faz uma troca com Egeu, ele lhe garantirá hospedagem e ela a certeza que ele será fértil:  
Pelos Deuses, assim Amor te seja portador  
de filhos e feliz tu possas morrer.  
Não sabes que invento inventaste aqui:  
cessarei o teu ser sem filho e te farei  
semear filhos, tais drogas conheço. (vv.714 –718 )

Após o acordo e dos devidos juramentos, Medéia faz Egeu prometer que nunca irá bani-la de sua terra nem deixará que inimigos outros a levem ( vv. 749 – 751) e se despede dele:  
Vá em paz! Tudo está bem!  
Eu irei o mais rápido possível à tua cidade,  
Feito o que devo e atingido meu alvo ( α βουλομαι). ( vv. 756 –758)

Eu conclui: Este homem, quando ao máximo fadigamos,  
fez manifesto o porto de meus cuidados ( των εμων βουλευματων ),  
a este porto amarraremos rizes da popa,  
ao irmos à urbe e à cidadela de palas.  
Já te direi todos os meus cuidados ( βουλευματα), ( vv.768 – 772)

Egeu não tinha noção da violência dos *bouleumata* de Medéia, traduzido por cuidados, mais que implica no resultado de uma deliberação, em uma resolução premeditada. A resolução de Medéia era firme, para que ela se concretizasse, se tornasse proairesis, era necessário duas idéias associadas, a de deliberação (*bouleúomai*) por cálculo e reflexão, que já foi comprovada, com o texto acima, que ocorreu, e a idéia de anterioridade cronológica. A decisão de se vingar é percebida desde o começo da peça, mas a partir do encontro com Creonte, Medéia tem um curto período de horas para se vingar, para sermos mais precisos, 24 horas; seus atos são racionalmente calculados a fim de manipular aqueles que, de uma forma ou de outra, pudessem lhe ajudar, podemos até dizer que seguem uma ordem cronológica. Medéia obteve a certeza da sua posterior segurança, encontrou em Egeu e em Atenas o porto seguro, neste momento, como já falamos anteriormente, decide massacrar qualquer esperança de Jasão; a

morte para ele seria pouco, que morressem os seres mais queridos por ele, seus filhos.

e) Neste momento, Medéia resolve chamar Jasão e usá-lo, como ele um dia também a usou, como veículo de sua pérfida vingança, assim se dá o segundo confronto entre ela e seu marido:

Venho, solicitado; ainda que sejas hostil,

não te frustraria nisto, mas ouvirei:

que coisa nova queres( βουλη ) de mim, mulher? ( vv.866 – 868 )

O querer de Medéia prevalece, ela conhece o coração dos homens, principalmente daquele com quem conviveu tantos anos; sabe que palavras doces e uma atitude de submissão o enganariam. Medéia, nos versos 866 – 975, fala a Jasão do seu arrependimento, pede perdão, por seus atos e palavras, e Jasão se deixa convencer:

Mas mudaste para o melhor teu coração

e reconheceste com o tempo a prevalecente

decisão (βουλην), eis as ações de uma mulher prudente. ( vv. 911 –913 )

A prudência que Jasão queria de Medéia era a atitude de submissão total que as mulheres gregas portavam, aceitar sem questionar, no entanto a sua ex-esposa era sensata, sabia fazer prevalecer a sua decisão e depois de tê-lo convencido do seu arrependimento, tenta convencê-lo de levar presentes para a sua noiva. Jasão diz que ela não precisa de presentes, a sua palavra bastaria, se ela o tivesse em conta. Medéia , então, refuta: dádivas persuadem até os Deuses (v. 964 ).

Medéia sabia que um simples discurso, embora bem argumentado, não convenceria totalmente Jasão, se ela não tivesse uma justificativa que não deixasse dúvidas sobre as suas mudanças: Medéia usa como justificativa os filhos. Quem não acreditaria em uma mãe que roga para que seus filhos não sejam exilados e não sofram os malefícios causados por isso? Quem acreditaria que uma mãe usaria seus filhos para alcançar seus objetivos? Ninguém, nem mesmo Jasão. Medéia diz que para convencer a noiva seria necessário que não só ele pedisse para que os filhos não fossem exilados, mas que os próprios filhos lhe entregassem os presentes e, mais uma vez, Jasão se deixa convencer por estas palavras: Impele tu, porém tua mulher a pedir ao pai dela que não exilem os filhos. ( vv. 941 –942 )

...Trocaríamos o exílio

dos filhos pela vida, não só pelo ouro.

Eia! Ó filhos, penetrai no palácio opulento,

suplicai à nova mulher do pai, à minha

senhora, solicitai que revogue o exílio,

daí o adorno, isto é o mais necessário:

que receba estas dádivas nas mãos mesmas. ( vv.967 – 975 )

E o coro, conhecedor dos planos de Medéia, conclui esse diálogo dizendo: Agora não há esperança de os filhos continuarem a viver ./ não há, pois marcham já para o massacre ( vv.976 –977).

Assim, segundo Vernant ( 1977, p.47 ), “não somente a aspiração, mas também a deliberação implica um movimento, uma tensão, um impulso da alma em direção ao seu objeto”. A certeza que se acentuava desde a primeira fala da ama quando diz: temo que ela trame alguma novidade ( v. 37 ), estava perto de se concretizar, a alma sedenta de vingança alcançou seus objetivos.

Voltamos, para finalizar, aos versos 1079 e 1080 e nos perguntamos que decisões são essas que foram derrubadas pelo furor de Medéia se todos os seus planos foram concretizados? Só poderiam ser as decisões relacionadas com a maternidade. Aos filhos que, se pudesse, preferiria participar da guerra a pari-los, tamanha a dor do parto, mas que sem eles a vida seria triste e dolorosa.

O coro pergunta a Medéia de que ela é feita, se de pedra ou de ferro para cometer tamanho massacre e diz conhecer uma estória semelhante, a de Ino, mas a mulher estava possuída por uma loucura oriunda de um Deus, e mesmo assim termina com sua vida ao perceber o tamanho da abominação cometida( vv.1280 –1292). E mais uma vez nos questionamos sobre as razões de Medéia e sobre o seu *êthos*, seu caráter particular. Não vemos em Medéia uma loucura como a de Ino, nem serem as desgraças ocorridas em sua vida decorrentes dos seus crimes anteriores, como em Édipo, pois a peça, embora relate tais fatos, está muito mais presa aos atos decorrentes da traição de Jasão, Medéia não é uma vítima da sorte, ela tinha diversos caminhos para escolher percorrer e escolheu aquele que a sua alma lhe impulsionou e entendeu como um bem.

Tentando entender Medéia, se é que isso é possível, pensamos que

talvez ao matar seus filhos ela não quisesse sofrer uma dor maior ainda, como a de Andromaca<sup>6</sup>, que teve seu filho arrancado de seus braços e morto pelos seus inimigos, simplesmente por possuir o mesmo sangue de seu pai – Heitor; nem sofrer ao vê-los sendo tratados como bastardos ou escravos, por serem, após as novas núpcias, considerados filhos ilegítimos. Entender e/ou julgar Medéia é um fardo ardoroso, diríamos impossível, mas pensar nestas possibilidades só tornam as suas ações mais racionais do que normalmente achamos que elas pudessem ter sido. E, após ler o último lamento de Joana <sup>7</sup> (BUARQUE, Chico, 1996, p.167) cada um julgue-a como melhor lhe convir:

Eu transfiro pra vocês a nossa agonia  
porque, meu Pai, eu compreendi que o sofrimento  
de conviver com a tragédia todo dia  
é pior que a morte por envenenamento.

Ao nos perguntarem o porquê gostar do texto de *Medéia* ou ainda da personagem Medéia, respondemos com uma nova pergunta, como não gostar de uma mulher que foi muito mais do que uma infanticida, foi uma mulher forte, poderosa, impressionante, uma mulher que, diferente das demais, não se conformara com a injustiça de que fora vítima?

Mas gostar ou não de Medéia não é significativo, pois é fato inegável que dentre todas as personalidades femininas gregas, Medéia foi uma das que mais inspiraram, através dos séculos, a fantasia de poetas, críticos literários, artistas e inclusive daqueles que se consideram simples mortais.

Lembrarmos de Medéia se tornou fácil, basta abrir o jornal ou ligar a televisão para vermos que as paixões humanas ainda são responsáveis por atrocidades, como a cometida pela inesquecível Fera da Penha, na década de 1960, que abandonada pelo amante matou a filha dele “para fazer o pai sofrer”.

Mas é no delineamento das personagens e de suas falas que vemos o crescer do efeito trágico da peça de Eurípidés que remete a própria tragédia da existência humana.

Diferente de Joana, Medéia escolhe viver, já tinha perdido coisas demais em nome de um amor incondicional. E na subjetividade de seus sentimentos, ela levanta o véu da irracionalidade feminina, do sexo menor, para evidenciar a racionalidade da consciência do Eu. A frágil Medéia do início da peça cresce junto com o seu ódio e sede de vingança, ela manipula,

finge, luta, com as armas que possui, para vencer a guerra que é só sua, mas que ao mesmo tempo é de todas as mulheres que sofrem atrocidades mil e as aceitam porque não conseguem se livrar do peso que o cárcere do sexo lhes impõe.

A tensão existente entre a supremacia de um thymós sobre os bouleúmata se desfaz tamanha a capacidade de raciocínio lógico que a personagem demonstra, mesmo com o seu “castelo de sonhos” desmoronando. Louca, cruel assassina, são muitos os seus epítetos, mas um lhe esquecem de conferir, talvez por uma questão didática – não é bom incitar às mulheres a se vingarem dos seus maridos, nem a matarem seus filhos por falhas como a traição conjugal, ainda mais nos dias de hoje-, a de ser hábil, não só por ser detentora de conhecimentos mágicos, mas por ser capaz de levar, em um mundo de homens e para homens, suas resoluções até o fim. Utilizando as armas que deles apreendeu, como a boa retórica e a postura de como deve ser uma boa mulher, para a bom tempo convencê-los de que, apesar de todas as dores que tenha que sofrer, recomeçará uma nova vida, o texto nos diz que ao lado de Egeu (v.1385) enquanto Jasão terá que conviver com as amarguras que suas próprias ações lhe proporcionaram até que um Deus tenha misericórdia dele e livre-o do infortúnio de viver com a morte.

Concluimos com os versos que, na peça, anteciparam o destino de Medéia:

As Famas tornarão gloriosa a minha vida,  
Honra vem ao gênero feminino,  
Não mais díssona fama será das mulheres. (vv. 418-420)

## BIBLIOGRAFIA

- 1 – AGAMBEN, G. *Homo Sacer: O poder Soberano e a Vida Nua*. Trad. de Hentico Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- 2 – BUARQUE, Chico & PONTES, Paulo. *Gota d'água*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- 3 - EURIPIDES. *Medéia*. Trad. de J. Torrano, São Paulo: Ed. Hucitec, 1991.
- 4 - \_\_\_\_\_. *Medéia, Hipólito, As Troianas*. Trad. de Mário da G. Kury. R. de Janeiro: J. Zahar Editor, 1991.
- 5 - \_\_\_\_\_. *Médée*. Texte établi et traduit par Louis Méridier. Paris: Les Belles Lettres, 1925, tomo I.

6 – GILL, Christopher. *Personality in Greek Epic, Tragedy, and Philosophy*. New York: Clarendon Press-Oxford, 1998.

7 – KITTO, H.D.F. *A Tragédia Grega*. Trad. José M. C. e Castro, Coimbra: Ed. Arménio Amado, 1990, vol.2.

8– LESKY, A. *A Tragédia Grega*. S. Paulo: Perspectiva, 1990.

9 –RINNE, Olga. *Medéia: o direito à ira e ao ciúme*. Trad. Margit Martincic e Daniel C. da Silva. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

10 – RHODES, Apollonios. *Argonautiques*. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

12– SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Ed. Thomson, 2002.

13– VERNANT, Jean P. & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

<sup>1</sup> Tradução da autora

<sup>2</sup> Píndaro, Pythische Oden IV ( Odes pitonísíacas IV). Citado conforme a edição Universal bibliothek, n. 8314, Stuttgart, 1986, p.129. Traduzida por Olga Rinne.

<sup>3</sup> Os textos seguidos de asteriscos marcam a tradução da própria autora do trabalho

<sup>4</sup> Procne e Filomela eram filhas do lendário rei de Atenas Pandíon. Procne era casada com Tereu, rei da Trácia, que apaixonou-se por Filomela, e depois de seduzi-la cortou-lhe a língua e a ocultou para esconder o seu feito. Filomela, todavia, conseguiu reproduzir seu infortúnio num bordado de pano e mandou-o para irmã. Procne, que para vingar a irmã, matou seu próprio filho Ítis e serviu-lhe a carne ao marido. Tereu tentou matar as irmãs, porém foi transformado pelos deuses em uma pomba, enquanto Filomela e Procne adquiriram a forma de pássaros

<sup>5</sup> O conceito helênico de bárbaro diverge do nosso; bárbaro era todo aquele que não falava grego, que não agia como um grego, enfim que não vivia segundo os moldes gregos. Portanto, Eurípides ao reforçar a nacionalidade de Medéia salvaguarda, ainda que trazendo à cena um tema comum a todas as mulheres, a mulher helênica.

<sup>6</sup> Fato narrado nas *Troianas*, peça dt3545t3545b e Eurípides apresentada em 415 aC.

<sup>7</sup> Joana foi a protagonista de Peça *Gota d'água* de Chico Buarque e Paulo Pontes e que teve como referência a peça de Eurípides. Na adaptação à modernidade Joana mata os filhos e comete o suicídio.

Os prazeres em uma taberna romana.

Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi - UERJ

Resumo:

Análise da estrutura de composição da poesia “pseudovirgiliana” *Copa* (A Taberneira), uma poesia que exalta os prazeres da vida e o contraste com a morte. Há um discurso e filosofia de vida oposto ao imaginário do tipo tradicional romano. Influência da cultura oriental em Roma.

Palavras-chave: Poesia, prazer, epicurismo, orientalismo.

**Introdução:**

Neste artigo pretendemos analisar a poesia “pseudovirgiliana” *Copa* (A Taberneira) sob o ponto de vista da estrutura da mesma, observando não só os aspectos formais que a estruturam como um discurso poético, mas também os dados culturais que refletem a sua confecção como obra literária do período vergiliano, isto é, no século I a.C., momento em que a cultura tradicional romana, severa em seus antigos costumes, sofre uma transformação em seu âmago por influência das conquistas, principalmente do Oriente. Não só a Grécia, mas também os Reinos Helenísticos do Oriente, contribuirão para esta transformação cultural; a filosofia epicurista grega, o comércio ampliado pelas conquistas, elementos novos da religiosidade oriental, e sobretudo o conforto material que estas conquistas trarão à Roma, modificarão seus antigos costumes severos e parcimoniosos no que diz respeito aos prazeres do corpo.

Sendo assim primeiramente apresentaremos a poesia em Latim, faremos sua tradução em seguida apresentaremos uma análise explorando a estrutura da mesma e observando os dados culturais presentes em seus versos.

Copa

Copa Surisca, caput Graeca redimita mitella, (1)

crispum sub crotalo docta movere latus,

ebria fumosa saltat lasciva taberna,

ad cubitum raucos excutiens calamos:

“quid iuvat aestivo defessum pulvere abesse? (5)

quam potius bibulo decubuisse toro?

sunt topia et kalybae, cyathi, rosa, tibia, chordae,

et triclia umbrosis frigida harundinibus.

en et Maenalia quae garrit Dulce sub antro